

VOZES DO HIPERTEXTO 2009.

Cristiano de Sales
(UFSC)

cristianonupill@yahoo.com.br

RESUMO: *O texto consiste numa opinião crítica acerca do III Encontro Nacional sobre Hipertexto, que se realizou em outubro de 2009, em Belo Horizonte, MG. Por se tratar de um evento interdisciplinar focado num único conceito, o de hipertexto, julgamos importante a constatação das diferentes vozes que lá se apresentaram, bem como uma reflexão sobre a possibilidade de entrelaçamento das mesmas.*

Palavras-chave: Espaço Digital, Uso, Comunicação.

ABSTRACT: *The text embodies a critical opinion regarding the III Encontro Nacional sobre Hipertexto held in October 2009 in Belo Horizonte, MG. Due to the interdisciplinary nature of the concept and the seminar itself, we consider important to embrace the different voices that are part of this discourse, as well as a reflexion upon the possibility of putting these voices together.*

Key words: Digital Space, Usage, Communication.

RESUMÉ: *Le texte se compose d'un avis critique sur la III Rencontre Nationale sobre Hipertexto, qui s'est tenue en Octobre 2009 à Belo Horizonte, MG. Parce que c'est un événement interdisciplinaire axée sur un concept unique, l'hipertexte, nous jugeons important de vérifier les différentes voix qui ont été présentés là-bas, ainsi qu'une réflexion sur la possibilité d'entrecroisement de la même.*

Mots-clé: Espace Numérique, Utilisation, Communication

Realizou-se em outubro de 2009, no Cefet-MG, em Belo Horizonte, o *III Encontro Nacional sobre Hipertexto*¹; um evento em que profissionais da lingüística, da pedagogia, da literatura, da comunicação e de outras áreas se reúnem para debater e mostrar resultados de pesquisas feitas acerca da noção de hipertexto. O encontro é bianual e já foi realizado em Recife e Fortaleza. A partir dele, outras estruturas e núcleos de pesquisas se consolidam no fomento desse debate (o Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional, NEHTE, é um exemplo dessa projeção).

Acompanhar e, claro, participar dessas conversas que se cruzam no Encontro Nacional sobre Hipertexto é, assim queremos entender, interar-se da forma como esse conceito, ou

¹ <http://www.hipertexto2009.com.br/anais.html>

noção, vem sendo refletido e utilizado nas diferentes instituições de ensino espalhadas pelo Brasil. Vemos, nessa reunião de profissionais acadêmicos, a oportunidade de tomar conhecimento das diferentes concepções de abordagem do hipertexto, bem como perceber a grande discrepância de entendimento sobre o mesmo, o que, em certa medida, enriquece o debate.

Dissemos em certa medida por entendermos que num dialogo frutifero as discrepâncias de idéias são fundamentais enquanto partes constituintes da equação e não como resultado a ser comemorado, pois entendemos que isso legitima uma relativização abusiva e improdutiva.

Claro, não queremos também aqui levantar a bandeira da unicidade do sentido, ou de qualquer discurso que se fie numa autoridade atrofiadora de diferenças. Queremos apenas afirmar que se pessoas de áreas de pesquisas diferentes se encontram para se ocuparem de um mesmo assunto, ou seja, se elas compartilham de um mesmo desejo, que estejam abertas para o aprendizado e a mudança de paradigmas e concepções. Caso contrário, nada justificaria um congresso. Essa disposição em aprender para mudar velhas concepções não pode apontar também para uma nova verdade absoluta, e menos ainda que essa verdade pertença a um grupo que tenha se empenhado para arrebatar seguidores no congresso.

Apelando a moldes antigos de argumentação, podemos pensar que o que fica como síntese de uma boa conversa não esta na tese nem na antítese, mas sim numa terceira coisa que aparece e que paira no ar como uma atmosfera constituída por todos. Mas é obvio que se assim pretendêssemos estaríamos falando de uma circunstância ideal de dialogo, e bem sabemos que nada há de ideal num congresso em que distintas frentes de trabalho se reúnem para pensar um mesmo objeto. Pensemos então em circunstâncias reais: o Hipertexto 2009, em Belo Horizonte.

Apesar dos possíveis cuidados que toda a organização de um evento que se pretenda interdisciplinar deve ter para não segregar demais os temas em mesas homogêneas (no que diz respeito às abordagens e, às vezes, às instituições que compõem as mesas) em algumas ocasiões foi possível notar a predominância exacerbada das vozes de apenas uma disciplina; o que nos parece um tanto natural. Diante disso, o que se notou foi que nas mesas (inclui-se aqui também as conferências) em que predominavam as discussões em torno do letramento digital, dos games pedagógicos e do aprendizado acerca das ferramentas tecnológicas (computadores propriamente ditos) para fins educacionais, zelou-se em demasia pelas concepções hierárquicas de ensino: aquelas dentro das quais um professor domina determinado assunto e o transmite aos alunos, que não mais farão que reutilizar, ou reproduzir, o conteúdo ensinado por alguém de maior autoridade e sabedoria.

Já em mesas em que a predominância das vozes foi da literatura, notou-se um esforço concentrado em teorizar o hipertexto ou em expor experiências, ainda superficiais, implementadas a partir de blogs ou sites elaborados exclusivamente para contextos de salas de aula.

Houve vozes de outras disciplinas como as da engenharia, da semiótica, da criação artística, etc, e, não raro, essas vozes, junto com as já citadas, chegaram a se misturar nos rápidos debates que ocorriam após cada apresentação de trabalho e de pesquisa. Mas, a angústia de quem acompanha um debate interdisciplinar na expectativa de ouvir os sotaques se entrelaçando é perceber que cada debatedor acaba lutando para que o sotaque da sua disciplina prevaleça (com tudo o que há de bom ou desatualizado nas concepções que defende).

Levando-se em conta esse panorama, profissionais que trabalham hoje em cursos de comunicação, ou neles se formaram, parecem estar um pouco mais abertos ao entrelaçamento dos sotaques².

E de que forma parece se dar essa abertura? Pela simples aceitação de que as ferramentas da comunicação digital (o hipertexto quase sempre apareceu atrelado a elas) estão aí para serem antes de qualquer coisa usadas e não necessariamente teorizadas; e menos ainda dominadas para maior segurança de quem encara uma sala de aula repleta de jovens alunos.

Um grave problema no discurso de quem zela pela manutenção do paradigma hierárquico de ensino e aprendizagem é ignorar que durante séculos de ensino institucionalizado o professor era aquele que dominava com sobra de experiência e sabedoria os escritos a serem transmitidos. Hoje em dia, se aceitarmos as ferramentas da informática como instrumento de escrita (é o mínimo que se espera de um professor que esteja disposto a trabalhar com e no tempo presente) perceberemos que essa relação hierárquica entre quem domina os escritos e quem aprende para (re)utilizar esta dissolvida.

Claro, se na condição de professores utilizarmos os computadores apenas como um depósito de conteúdos previamente delimitados que depois serão consultados por alunos, num ambiente cerceado por senhas e monitores-bolsistas, ainda assim teremos alguma chance de continuarmos no topo da hierarquia da educação. Mas, bem sabemos que o computador reduzido a essa prática não passará de uma máquina mais sofisticada, e até

² Justiça seja feita, não apenas o povo da comunicação se mostrou disposto a essa abertura, o professor Buzzato, do IEL da Unicamp, por exemplo, juntou seu sotaque aos de Sérgio Amadeu e André Deak numa conferência bastante produtiva no segundo dia do evento. Mas como estamos falando de congresso, torna-se difícil analisarmos cada caso isoladamente e por isso caímos, inevitavelmente, em algumas generalizações, onde uma minoria acaba representada por uma maioria.

mesmo lúdica, de manutenção de discursos desatualizados de ensino e aprendizagem (desatualizados porque hierárquicos).

A atualização dos discursos de educação que querem incorporar ao trabalho as ferramentas da comunicação real e presente entre os jovens (a comunicação digital) passa pela aceitação de que muitas vezes o aluno que se senta e ouve o professor entende com mais propriedade a técnica de manipulação da escrita sobre a qual o professor tenta falar. Para tanto, o professor deve entender que não se trata de falar sobre essa técnica de escrita e tentar incorporá-la de maneira absurdamente limitada nas práticas de sala de aula, mas sim de simplesmente usá-la como meio de comunicação, o que por princípio ela é.

Porém, não são apenas os agentes da educação que patinam para compreender que o hipertexto quando inserido em computador serve antes de qualquer coisa para ser usado. Os teóricos e professores da literatura que se ocupam do tema também se empenham em teorizar sobre essa forma de escrita como se se tratasse de um objeto oferecido à contemplação e não ao uso. A esse professor teórico³ caberia, talvez, o entendimento de que apenas a partir da freqüentação das textualidades ambientadas no ciberespaço é que se pode elaborar alguma teoria sobre as mesmas. Como poderia um pretense teórico contribuir na elaboração de uma nova episteme sem se impor o mínimo de intimidade com o campo onde ela se forma?

A intuição que parece nos oferecer os comunicadores e conferencistas do *Hipertexto 2009* que lá falaram com a voz da comunicação (jornalistas, publicitários, designers etc), ajuda-nos até mesmo a compreender práticas propostas a partir do computador que não se pretendem apenas comunicativas, no sentido clássico do termo (emissor, mensagem, receptor): é o caso da criação artística e poética que já se propõem no espaço digital. Essa sugestão, de que se aprende a partir do uso, faz-nos entender o quanto a proposição de poéticas para as investidas artísticas em ambiente digital esta diretamente ligada a uma compreensão do modo como essa diferente escrita esta operando (*modus operandi*); e que a partir desse entendimento é que poderemos propor uma estética para as criações diretamente programadas em computador. De forma bastante clara, temos que aprender que pensar criticamente a literatura, as artes, e a própria comunicação nada mais é do que descrever o seu estado presente, sua aparição, sua apresentação. Portanto, perguntas como 'o que é a literatura, a arte, a comunicação, etc?' conduzem as pesquisas por caminhos essencialistas demais; como se responder essas perguntas equivalesse a dar cabo das discussões todas que giram em torno dessas práticas, categorizando-as e as deixando descansar em lugar seguro. As perguntas que acreditamos mais propulsoras para as investigações acerca do estado da

³ Falo como pesquisador formado em letras e integrante de um programa de Pós-Graduação em literatura.

literatura, da arte, da comunicação, etc, são: como é, ou, como esta a literatura, a arte, a comunicação...?

Em algumas das falas proferidas nas mesas de comunicações simultâneas (simultaneidade essa que inviabiliza a percepção de todas as vozes do evento) notou-se a imprescindível investigação acerca do hipertexto como um conceito, ou procedimento composicional, verificado ainda, ou já, no meio impresso, sobretudo no que toca à criação literária. Essas pesquisas que se debruçam sobre o hipertexto impresso são elucidativas no sentido de demonstrar que essa estratégia de composição textual não é inerente ao computador e à web; estes apenas aplicam a lógica hipertextual e, conseqüentemente, potencializam o procedimento que já se verificava no meio impresso. E em algumas dessas apresentações notamos a percepção, que queremos aqui exigir, de que compreender a noção de hipertexto não passa pela ambição de atingir uma essência. Falamos isso porque um crítico recorrente nas análises que se faz sobre o hipertexto, na literatura sobretudo, é o francês Gérard Genette. Este se propôs a teorizar o processo composicional chamado hipertexto através de uma consistente obra, chamada *Palimpsestes*, constituída de centenas de páginas de demonstração do movimento hipertextual utilizado ao longo da literatura clássica. Ou seja, mesmo imbuído pelo desejo de teorizar sobre essa produção textual, Genette optou por demonstrar o uso que se fez e faz disso na literatura impressa.

Mas pra não ficarmos apenas com a crítica literária, pensemos no filósofo e sociólogo Theodor Nelson (projeto Xanadu), ou no conclamado teórico da cibercultura, Pierre Lévy, ou ainda no pragmático George Landow. O primeiro voltou todo seu trabalho para as tecnologias de informação; é conhecido por ter sido um dos primeiros a empregar o termo hipertexto e sempre esteve preocupado com a facilidade do uso da informação; hipertexto para ele tem ligação direta ao modo de operação, por isso seu trabalho sempre teve um caráter antes demonstrativo que essencialista. O segundo, francês que aparece sempre atrelado aos debates de cibercultura e espaço virtual, propôs um conceito para o virtual em seu livro *O que é o virtual?*, apoiando-se fundamentalmente em Gilles Deleuze, dedica-se hoje a implementação de mecanismos de websemântica, o que nos mostra que ele também conciliou a tentativa de teorizar sobre o hipertexto aos procedimentos de uso dos textos. George Landow, por fim, é talvez o mais exagerado dos teóricos do hipertextos, pois o mesmo tem por hábito afirmar que o hipertexto eletrônico funciona como laboratório em que as teorias pos-estruturalistas francesas podem ser vistas em prática.

Não estamos aqui preocupados em tomar partido de nenhuma das correntes de trabalho acima citadas, apenas as elencamos aqui para demonstrar que até mesmo os mais diferentes projetos críticos, ou esforços de teoria (com todo o interesse político que incentiva, e

as vezes permeia em demasia as pesquisas) passam pela compreensão de que a busca de esclarecimento acerca de um conceito não pode seguir caminhos essencialistas demais.

Mas, voltando para a crítica literária. Os trabalhos que se ocupam do hipertexto enquanto procedimento textual aplicado ainda ao meio impresso nos permitem entender a diacronia do conceito que hoje se encontra potencializado no computador e na web. Compreender essa potência é apenas o primeiro passo⁴ nessa transformação da escrita que resultara em significantes que entrelaçam diferentes fenômenos da linguagem (verbo, som e imagem) por meio de uma linguagem artificial e codificada.

Eis aqui um ponto importante a ser entendido para que se teorize acerca da textualidade digital. A principal característica, talvez a única de fato, que distingue as textualidades digitais das demais textualidades que se verifica na história⁵ é a elaboração de uma linguagem artificial que intermedeia a impressão física deixada pelo escritor no gesto da escrita (pressionar o botão do telado) e o resultado desse gesto na tela do computador. Referimo-nos, claro, à linguagem binária, ou linguagem codificada dos zeros e uns. É nessa linguagem artificial de programação que o artista do meio digital atua; é nela que ele propõe o entrelaçamento do som, da imagem e do verbo, reservando também o espaço de intervenção do leitor.

No entanto, não precisamos exigir aqui que o teórico da literatura se dedique exaustivamente à linguagem de programação para garantir a autoridade de seu discurso. Uma mudança importante no paradigma da criação artística, tendo-se em mente a utilização do computador, esta justamente na diferente maneira que o artista passa a trabalhar cotidianamente. Se antes poetas e pintores se fechavam em gabinetes, ateliês ou se isolavam em passeios solitários por entre a natureza e a cidade, hoje o mesmo trabalha sua criatividade acompanhado de profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Não raras são as obras de criações digitais que elencam um grande grupo de autores, que se dividem em engenheiros, programadores, matemáticos, poetas, músicos, etc.

Ora, se o trabalho cotidiano do artista passa por essa transformação é natural entendermos que o crítico dessa arte também bebera em fontes interdisciplinares; logo, não precisamos mais sustentar aquela empáfia autoritária de um crítico que estabelece verdades da obra. Alias, a verdade mais imediata que aparece diante desse novo paradigma de criação

⁴ Mas não menos importante, pois ele constitui a base lógica e funcional da interface de apresentação das informações na tela do computador.

⁵ Estamos pensando no percurso material da escrita mesmo: desde as inscrições em cavernas, passando pelos estiletos deixando marcas em couro de animais, pela imprensa de Gutemberg para chegarmos nos textos digitados (ou digitalizados) em computadores.

artística é que os sentidos dos diferentes objeto de arte devem ser propostos de maneira colaborativa.

Essa nova maneira de trabalhar já nos revela também o quanto uma poética para as inscrições literárias feitas em computador esta atrelada a uma operação (a um uso), bem como nos ajuda a aceitar o quão colaborativo deve ser o trabalho nesse ciberespaço. Nessa atividade menos individual vemos não a possibilidade do trabalho interdisciplinar, mas sim a necessidade do mesmo.

A estrutura que vem sendo proposta nos Encontros Nacionais sobre Hipertextos mostram o quanto as instituições estão atentas a esse paradigma interdisciplinar da produção intelectual e inventiva. No entanto, as vozes que lá debatem não parecem querer abrir mão das estruturas verticais de produção intelectual⁶ para então visualizar o horizonte repleto de diferentes falas e formas que compõem o espaço digital. Contudo, é importante ressaltar que essa heterogeneidade toda de falas e formas não nos remete à relativização abusiva criticada acima, pois não se trata de relativizar, mas sim de compreender que as diferenças convergem no espaço digital e que somente na freqüentação dele é que conceituaremos qualquer coisa a respeito da arte, da literatura, da comunicação e das relações humanas que se instauram por meio de hipertextos eletrônicos no ciberespaço.

E, por fim, se ressaltamos acima a maior predisposição dos profissionais da comunicação para o entrelaçamento das vozes que se cruzam no *Hipertexto* não o fizemos por entender que eles dominam melhor esse novo *ethos* que se nos apresenta, mas apenas por estarem mais atentos à necessidade de manipulação dos hipertextos.

⁶ Grande parte das universidades se percebe e se deseja assim.